

## **Vixe!**

### **O sujeito arretado muda sua realidade**

Diego Bogard, Café com Paulo Freire Rede Pró-Educar <sup>1</sup>

Das bandas de uma terra quente  
Do agreste que a catinga doma  
Duma gente que é mermo gente  
Que na testa vemo o suó escorrê  
Dos pinhaço doído de carregá água  
Da luta procurando o que cumê

Das terras de um país guerrêro  
Pois assim é que a gente diz  
Pernambuco do povo bruto  
De uma gente alegre ou infeliz  
Dos rios de pedra, môcos, mudos  
É dessa terra que eu vim

Sem tino nem tempo xoxo  
Éramos dois moleques amarelos  
Eu e meu irmão, soltos  
Mãinha, bixinha trabalhava aguniada  
Sozinha pra criar o gordo e o magrelo  
Minha vó, rezadeira logo se aperriava  
Pra mãinha trabaiá veio do sítio pra cidade  
Depois de meu pai ter a vida finada

Mãinha trabaiando e vó coitada  
Não domavam os dois peste

---

<sup>1</sup>Professor Formador do Instituto Conhecimento para Todos Rede Pró-Educar.  
diegobogardd@gmail.com

Mãinha dobrava esquina e a gente esquipava  
De tudo a gente fazia  
Mas a vida prestava  
Não tinha olhos pra fome ou ausência  
Que meu pai representava

Brincar na rua era muito bom  
Jogava bola todos os dias  
Mas tinha os tempos de peão  
Chuta lata, sete cacos, bola de vidro  
Toca, barra bandeira, polícia e ladrão  
Mas soltar pipa e tomar banho de açude  
Eram os meus preferidos

Não tinha essa coisa de celular  
A gente dividia tudo que tinha  
Éramos crianças e só queríamos brincar  
Mas a gente foi crescendo e via  
Tínhamos o que comer e não passava disso  
Mas quase ninguém tinha

Mãinha não tinha estudos  
Na minha família ninguém tinha  
Meu tio que era o mais novo  
Capengava entre o trabalho  
E a escola que tinha  
E assim a gente sabia  
Tem que estudar quando der  
Mas trabalhar era o caminho

Aqui não tem tempo ruim  
Menino que já levanta caixa

E menina é desde pequinininha  
Vão trabaia pra ser gente  
Pra ajudar em casa com o de cumê  
Homem e mulher de verdade  
Trabaia, se não num é gente

Roçado e sítio ficaram pra trás  
Com vó, mainha e meus tios  
Garçom e faxineira eles aprendiam  
Tentando nos dar uma vida melhor  
Nos ensinavam o que podiam  
Mas escola era segunda opção  
Se der você vai pra escola  
Mas a idade de 11 anos já batia

Fui aprender a costura  
Desse fato infadado eu corria  
Entre na faculdade dos bares  
Meu tio e meu primo eram garçons  
Nesse rumo eu logo seria  
Prato vai e prato vem  
Entre gritos e humilhações  
Tomei pra mim um ódio daquilo  
E decidi que da escola não sairia

Ir pra escola era gratificante  
Eu ia sorrindo e voltava chorando  
Na escola eu não trabalhava  
Tinha comida no lanche  
Cuscuz no prato era certo  
Porque alguém não gostaria?  
Logo peguei gosto e queria ta perto

Da escola ninguém me tiraria  
Eu não sabia muita coisa  
Mas de uma certeza e tinha  
O futuro que minha família precisava  
Aquilo que mãinha e vó não tiveram  
A escola me daria  
Não ia ser tarefa fácil e encantada  
Em casa diziam que era tolice  
Mas meu coração não mentiria

Eu não perdia nada  
Tudo que as tias da escola pediam  
Matemática, ciências, artes história ou geografia  
Eu respondia primeiro com alegria  
Aprendi a ler e escrever e já me sentia  
Minha escola era pequena e sem recursos  
ganhei um livro na primeira série  
O único da sala e era o que tinha  
Alguns amigos iam só pelo lanche  
A vida não era fácil, já sabia

Fui tomando cada vez mais gosto  
Mas ainda me dividia  
Nos fins de semana e nos feriados  
Onde podia trabalhar eu ia  
Mas faltar a escola eu não ia  
Uns professores me davam conselhos  
E já perguntavam o que eu seria?  
Que pergunta danada  
Eu, mela cuecas, um catito do sítio  
Será que eu poderia?

Já imaginava meu futuro como trabalhador  
la ganhar meu dinheiro suadinho  
Não ia mais lavar pratos e servir mesas  
Outra coisa ia fazer, mas ia ajudar mãinha  
Não sabia o que mais eu podia ser  
Os professores eram doidos! matutava  
Minha cabeça fuvia de agunia  
O muleque de rua que me pintavam  
O que mulesta eu poderia?  
Sempre voltava e me aquetava meu facho  
Sabia de onde eu vinha

la passando os anos  
E aquelas ideias de maluco se estendiam  
E de todas as possibilidades que viajava  
Uma não me fugia  
Eu amava a escola e isso eu assinava  
Se fosse fazer algo da vida  
Essa batalha eu enfrentaria  
Trabalhar na escola  
Será que eu podia?

Aperreio pra cá e agunia pra lá  
O que danado eu faço  
Comecei a perguntar aos professores  
Como é que fazia?  
Já tinha me decidido  
Trabalhar na escola eu iria  
Porteiro, faxineiro, cozinheiro ou encanador  
Eu queria fazer parte daquele lugar  
Que tanto me ajudava e bem me fazia

Queria levar pro mundo, a escola  
Que todo menino visse como eu a via  
Queria ajudar todo mundo  
Todas as crianças que nela iriam  
Só sabia que não podia parar por ali  
Pra outra escola eu iria  
Outros professores outras pessoas  
Aquela escola que tanto me ajudou  
Eu abandonaria?  
Essa é outra história grande  
Que num cabe numa história só  
Outro dia eu posso proseá  
Vou falar do agora  
De onde nós tá  
Num é que todo começo  
Num fim tem que dá?

Num sô rico nem milionário de dinheiro  
Mas a riqueza do mundo tem o que falá  
Estudei que só a mulexta  
Noite e dia sem pará  
Trabalhei sem descansar um dia  
Pro mode eu me sustentá  
Mas lembrando das palavras dos professô  
Minino estuda que tu vai dá o que falá  
Teu futuro é certo  
Tua família vai ajudá

Né que eu virei professô?  
Com orgulho sinsinhô  
Vó e mainha falam pra todo mundo  
O que é que esse minino faz?

Ele é professô!  
Ajudo quem já me ajudou  
E quem posso ajudar quando tá comigo  
A escola é minha segunda casa  
De muitos alunos e perdidos

Graças a padincição ainda tenho comigo  
Meus dois pilares e abrigos  
Pois essa dor e agunia  
Não tinha eu conseguido  
Já tenho muitas saudades  
Perdi minha parea de jarro  
O magralo, meu irmão, meu João Grilo

Não me preocupa mais a comida  
Ou a casa onde morar  
Esses sonhos realizei  
Tenho esses ganhos na vida  
Mas num deixo de olhar pra frente  
Sem deixar o passado pra trás  
Ainda vou fazer muito  
Aprendi com meus professores  
Nunca deixe de sonhá

Vixe! O sujeito arretado muda sua realidade



Fonte: Arte de autoria de Diego Bogard